



A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM UMA TURMA DE 2º ANO DO ENSINO MÉDIO.

Autores: DANIEL CALDEIRA DE FARIA PAIXÃO, CAMILA FIALHO DA SILVA BERNARDES, EVA ELAINE RUAS, ILDENILSON MEIRELES, LIDIANA ANDRADE PEREIRA, MARILDA SANTOS SOARES

Introdução

Quando Aristóteles proclama que o “*homem é por natureza um animal político (anthropos physei politikon zoon)*”, ele demonstra que a exigência da perfeição, a procura do bem, a inclinação para a realização daquilo que é o seu bem, o impelem para a vida na Polis. Esse homem não se une à polis por um bem inferior àquele que o leva a constituir família, por uma necessidade vital, pelo desejo de deixar descendentes e manter seu legado vivo. Esse homem não se une à polis apenas por uma questão social. Ele une-se à polis também para fazer política! Não há Política fora da Polis. A própria palavra nos remete a isso já que politikós, em grego, refere-se ao Governo de uma polis. É importante ressaltar que quando falamos aqui da Polis, estamos falando sobre o espaço público em geral desde a rua, passando pela escola, pela sala de aula, pelo trabalho até chegar em esferas maiores como a participação em Eleições, debates, produções artísticas, científicas etc. E é esse o lugar da ação política, que exige afirmação da identidade para o exercício da ação de mesma natureza.

Diante de tal situação, observando e trabalhando com os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Coronel Filomeno Ribeiro, percebemos que muitos deles não se sentem parte da Polis, não possuem essa percepção da cidade, da sala de aula, do lugar que eles se encontram para além do espaço privado, como espaço de sociabilidade comum, de vivência coletiva, baseada em algo que os une. Esse algo seria a identidade. Para existir essa participação é indispensável essa consciência indentitária. Deve o individuo se perguntar o que o leva a estar ali e o que o levaria a participar daquela agremiação. Por que a sua opinião seria importante e por que ela seria ouvida? Ele estaria ali por livre e espontânea vontade, ou por mera coerção?

Foram com essas questões que nos deparamos dentro da Classe do 2º Ano do Ensino Médio, observamos que para alguns alunos não há um senso claro de pertencimento, eles parecem não perceber que a participação deles é importante e que a sua alienação ao sistema é uma construção e não fruto de uma determinismo Histórico e cultural. E que se tal situação é uma construção ela pode ser refeita se assim eles quiserem, pois também eles podem não querer e esse não querer também é uma afirmação política. E sendo assim, por que lhes negaríamos essa opção?

Mas, em que basearia esse novo molde? De onde viria esse impulso para querer mudar o que parece estar posto de maneira tão inflexível há várias gerações? A resposta, encontramos na Identidade, que a turma parece não ter construído ainda. Devemos naturalmente levar em conta que estamos lidando com adolescentes e que essa é uma fase de dúvidas, receios e inquietações, construções e desconstruções. Porém, dentro de todo esse quadro existe a construção social do “eu”, quem eu sou, o que eu quero, porque eu quero ou por que não quero. Essa capacidade de fortalecimento do Ego se dá por meio da construção da identidade, como já afirmou Levisky.

Hannah Arendt também já deixou claro em sua Obra *Origens do Totalitarismo* que quando essa identidade não é construída e afirmada não existe participação política, não existe equiparação aos demais indivíduos que fizeram essa construção. Assim, o indivíduo ou grupo que age dessa forma fica exposto ao querer e ao arbítrio do outro. Podendo ser percebido, convocado e recompensado na hora em que sua “existência” se faz necessária, como também pode ser rechaçado, discriminado e punido quando sua “utilidade” não for mais requisitada. Tal situação só pode ser mudada, diz a Filósofa, quando há participação Política e essa participação acontece quando uma identidade devidamente construída é afirmada. Quando os indivíduos ou grupos saem das margens da Polis para assumir um lugar pleno em seu meio como atores de todo aquele jogo Político e não apenas como meros expectadores.



Material e Métodos

O trabalho realizado com os Alunos do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Coronel Filomeno Ribeiro buscou, num primeiro momento, despertar nos estudantes um senso de pertencimento e de identidade. Foi necessário levá-los a se questionar quem eles eram e qual o lugar que eles ocupam nessa Polis, desde espaços micros como, por exemplo, família e a sala de aula, até espaços macros como a Cidade ou Estado. Para tanto, usamos como referencial teórico as obras da filósofa Hannah Arendt, *Origens do Totalitarismo* e *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do Mal; além da *Política*, de Aristóteles. Por questões de didática e de tempo não trabalhamos diretamente com os alunos os textos na íntegra, mas aproveitamos o conteúdo exposto pela professora da disciplina de filosofia e trouxemos os conceitos por meio de fragmentos de textos, cartoons, charges que discutíamos com a classe. Assim, buscamos despertar nos alunos o interesse pelo tema e dar voz a eles. Decidiu-se, como proposta metodológica, que ao invés de utilizar-se a formatação de uma aula expositiva tradicional, seria mais interessante instigar e incentivar os alunos a trazerem suas próprias leituras do mundo que os cerca. Não queríamos simplesmente ser expositores do saber, mas construir esse saber com o que os estudantes tinham a trazer para nós. Ali estávamos apenas como mediadores, não como expositores. Pois entendemos que se assumíssemos o papel de meros expositores estaríamos incentivando e criando apenas uma "massa alienada", que acataria nossos ditames e não estaríamos desenvolvendo junto aos estudantes uma consciência de identidade que os levaria a se tornar plenos *politikon zoon*, e sim apenas uma massa guiada por um mentor autoritário, pois, como já disse Arendt,

As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum(...). Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto^[1]

Resultado e Discussão

Para desenvolver o trabalho proposto, fizemos uso de um cartoon, fizemos cópias de uma tirinha e entregamos a cada aluno em seguida entregamos também uma pequena ficha com o Aforismo 66 de Franz Kafka, assim buscamos instigar os alunos, dentro do tom jocoso do cartoon e do ar mais melancólico do Aforismo, sobre a interpretação deles do material.

No momento seguinte, contextualizamos as falas da sala às experiências pessoais que eles começaram a trazer. Qual era a percepção deles do lugar de onde estavam falando. Procuramos ouvi-los para perceber o que eles queriam dizer, o que eles tinham a dizer. Foi então que tivemos a oportunidade de concluir que a questão de identidade na classe ainda era nebulosa. Não estava claro para os estudantes as posições que eles assumiam como resistência ou desistência eram também atitudes políticas e eles poderiam fazer isso como afirmação de sua identidade. Mas, a questão que se colocava diante de nós e deles era: Qual identidade?

Considerações finais



Percebemos então que para começar a construir essa identidade era necessário conhecer o lugar de onde esse aluno fala, qual a realidade vivenciada por ele. Qual a demanda que ele nos traz? E a partir daí começar a instigá-lo se aquela realidade é uma escolha dele, se é uma construção social ou se é um determinismo sociocultural ou mesmo se ele percebe algo diferente disso que foi exposto.

Os alunos atendidos pela Escola Estadual Coronel Filomeno Ribeiro, em sua maioria, são oriundos de uma região periférica, marginalizada e estigmatizada. Nesse contexto, percebemos que esses alunos não exercem seu papel plenamente na polis. Eles estão ou se sentem a margem da sociedade e só sai dessa margem estigmatizada quando seu trabalho é requisitado tendo em seguida que retornar para o lugar de onde veio.

O papel de cidadão ainda não está claro para esses jovens e muitos ainda não entendem qual é o seu lugar no mundo. Eles estão como já foi dito marginalizados e estigmatizados palavras fortes, porém vivenciadas no cotidiano por aqueles alunos que são o que Norbert Elias, chama de *outsiders*.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer ao corpo docente e discente da Escola Estadual Coronel Filomeno Ribeiro, que tem nos recebido e acolhido com muita gentileza.

O nosso muito obrigado também ao Acadêmico Matheus Rodrigues de Moura, que nos incentivou e colaborou bastante com nosso trabalho em longas discussões que se materializaram em boas ideias que aproveitamos para formatar o presente trabalho.

A todos vocês o nosso muito obrigado!

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Atena Editora, s/d

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

Realização:



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO
E INOVAÇÃO SUPERIOR



Apoio:



[i] ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. p. 361.